

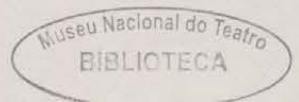
16

TRILOGIA DOS HERÓIS

- O HOMEM DA PLUMA AZUL
- O HOMEM DENTRO DO ARMÁRIO
- UM HOMEM PARA QUALQUER PÁTRIA

Miguel Rovisco

1986



31
13

UM HOMEM PARA QUALQUER PÁTRIA

Farsa em três actos e um epílogo

Miguel Rovisco

1986

PERSONAGENS

Leopoldo Viegas de Torriais, marquês da Bemposta

Guiomar, sua esposa

Gil Malaguerra, seu cunhado

Portugal. 1640.



PRIMEIRO ACTO

O quarto de dormir de Leopoldo Viegas de Torriais.

A esquerda, a porta do quarto e uma grande cama com uma mesa de cabeceira; perto, o bacio e uma chinela do marquês. Na parede central, um móvel com um espelho, uma estante com livros — um deles tombado pelo chão — e uma grande janela. À direita, um oratório com imagens de santinhos e uma porta pequena, dando para o quarto de vestir.

Noite. Na sua cama, o marquês dorme.

Passados momentos, abre-se rapidamente a porta do quarto: entra Gil Malaguerra segurando uma vela acesa. Mostra-se nervoso. Fecha a porta e encosta-se à parede por uns instantes, cerrando as pálpebras. Depois dá três passos... pára: olha embaraçado para a cama onde o marquês continua a dormir.

Gil (Depois de hesitar, abanando Leopoldo por um braço, tentando acordá-lo.) Pst... pssst ! (Sempre nervoso, vai até à janela que abre de par em par: está imenso nevoeiro, nada se vendo do exterior. Mesmo assim, Gil espreita para fora.)

Dormindo ainda, Leopoldo mexe-se e espirra.

Gil (Poisando a vela sobre o móvel com o espelho.) Leopoldo ! (Aproxima-se da cama.) Acorda ! Acorda, que se preparam catástrofes... (O marquês torna a espirrar.) Então, Leopoldo !

Leopoldo (Acordando.) Que me querem ? (Boceja.) No meu melhor sono ! (Para Gil.) Pára de me abanar o braço.

Gil abre a boca para falar, muda de ideias, volta à janela, espreita...

Leopoldo (Sentando-se na cama.) Que se passa contigo ? No meu quarto a meio da noite...

Gil - Venho agora mesmo do palácio de D.Antão do Alegrete.

Leopoldo (Entendido.) Ah !

Gil - Nem tu calculas...

Leopoldo - Faço uma ideia.

Gil - Estou num estado... - até me enganei na porta. Eu queria ir para o meu quarto: trancar-me lá dentro, e acabou-se o mundo !

Leo - Quanto, hem ? Há-de repetir-se o drama, hoje já não prego olho. (Benze-se maquinalmente e sai da cama, em camisa de dormir até aos pés.) Quanto dinheiro perdeste desta vez ? (Gil faz-^{lhe} ~~se~~ um gesto negativo.) Noites de sexta-feira é sabido: juntas-te com essa pandilha em casa de D.Antão... (Calça uma chinela, não encontrando a outra.) Onde pus eu...? O jogo varre-vos todas as responsabilidades da cabeça... a chinela ? D.Antão, um fidalgo com mais de sessenta anos - onde, raios, meti eu a outra chinela ? Quanto dinheiro perdeste na batota, hem ?

Gil - Dispensó os teus conselhos de moral: não houve jogo esta noite.

Leopoldo (Curioso.) Novidade !

Gil - Ninguém no palácio, tirando o próprio D.Antão. Sozinho. No seu gabinete.

Leopoldo - Ah ?

Gil - Mas recebeu-me: sempre fomos os melhores dos amigos.

Leopoldo - Também amizades dessas... (Gesto de desaprovação.)

Gil (Deixando-se cair sentado numa cadeira.) Pois eu fui encontrá-lo a redigir o seu testamento.

Leopoldo (Espantado.) D.Antão ?

Gil (Abanando afirmativamente a cabeça.) O testamento !

Leopoldo - Jesus... confesso-te que não esperava. Ainda ontem - minto, anteontem - o vi na missa: dois bancos à minha frente, roncou todo o sermão de meia hora. Pareceu-me de saúde, lembro-me perfeitamente.

Gil - É o fim.

Leopoldo - Ele está mesmo à beira da morte ?

Gil - Todos... a grande catástrofe !

Leo - Mas que sucedeu, vejamos ? Atchim ! (Espirra de novo. Dirigindo-se até à janela.) Um frio danado... (Subitamente, pára.) Que horror ! (Apontando.) Não vejo nada pela janela: que é feito de Lisboa ? É então essa a novidade: Lisboa deixou de existir ! (Debruça-se à janela e espreita.) Um parapeito para um buraco... - se calhar, jamais existiu sequer.

Gil - Leopoldo...

Liopoldo (Grita para fora.) Lisboa ! (Silêncio.) Nem o eco ! O grande equívoco: vivi os quarenta anos da minha vida inteira na capital de um império que nunca esteve aí - sem Lisboa, nenhum português subsiste. Ah, é na verdade o fim da pátria !

Gil - Apenas o nevoeiro. (Leopoldo torna a espirrar.) Fecha a janela e ouve-me.

Leopoldo (Fechando a janela.) Por muito nevoeiro que faça, não deixa de ser esquisito que nada se veja absolutamente.

Gil (Erguendo-se.) Escuta-me, Leopoldo. O que eu te tenho para dizer é importantíssimo: sobre o destino de Portugal... Mas não olhes mais pela janela !

Leopoldo - Impressiona-me... (Esfrega os braços com frio. Não dando tempo a que Gil fale.) No outro dia - quando foi ? -, vi na praça do Mirante, entre os pombos, calcula tu, uma gai-vota ! Espantoso: pois já chegámos a isto, ó portugueses ?! - e esta madrugada, Lisboa que desaparece... Lá estava ela, domesticada, esquecida do azul do Tejo: pata em terra e pão no bico - tal nunca se vira: uma gai-vota a pombar ! É a decadência mais possível da raça. Ao ver a cena, ■ também eu estive tentado a redigir o meu testamento.